

"Nem o mel nem a cabaça": a fortuna da cor de uma professora de artes visuais parda

"Neither honey nor gourd": The color
fortunes of a brown visual arts teacher

"Ni miel ni calabaza": La suerte del
color de un profesor de artes visuales
moreno

Flávia Maria de Brito Pedrosa Vasconcelos¹

¹ Docente do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais - PPGART, Centro de Artes e Letras - CAL da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Líder do Grupo de Pesquisa Artes Visuais e Criatividade - CNPQ/UFSM e do laboratório de Criatividade e Inovação - LACRIA. Doutora em Educação Artística pela Universidade do Porto - Portugal, bolsista CAPES Doutorado Pleno no Exterior. Diplomação reconhecida no Doutorado em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás - UFG. Mestra em Artes Visuais - UFPB/UFPE, linha: Ensino das Artes Visuais no Brasil, com pós Lato sensu em Arte-Educação e Língua Portuguesa pela Universidade Regional do Cariri - URCA, graduada em Artes Plásticas com habilitação para o ensino de Arte pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE. Professora colaboradora do Mestrado e Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)(2016-2019). Membro fundadora da Rede Latino-americana de Investigação na Formação de Professores de Arte (LAIFOPA). Membro da International Society for Education through Art - INSEA, da Federação de Arte/Educadores do Brasil - FAEB. Membro do Observatório da Formação de Professores - Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC. InSEA International Expert Review Panel (2019-21). Membro do Grupo de Pesquisa ARTEVERSA - Grupo de estudo e pesquisa em Arte e Docência, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (até 2019). Conselheira Mundial InSEA América Latina (2017-2019), eleita em 2016. SITE: <https://flaviapedrosavasco.wixsite.com/arts/arts>, E-mail: flavia.p.vasconcelos@ufsm.br, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7285933895645743>, ID Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9853-5588>

Resumo

Este texto se configura como um olhar narrativo sobre a construção da identidade profissional a partir de uma professora de Artes Visuais parda. Realça interpretações do termo “fortuna da cor”, utilizando de pontos de inflexão da memória, buscando proporcionar, por intermédio de reflexões autobiográficas, entendimentos sobre como a formação e a práxis em sala de aula conectam conceitos e práticas na experiência de ser/estar/tornar-se professora. Assim, numa perspectiva cartográfica a cada ponto traduz uma passagem que alia territórios geográficos, culturais à produção de pertencimento, revendo os modos de ver, da voz ao corpo sentido em análise sobre o atual momento de pandemia de covid19. Por essas razões, os caminhos trilhados tentam dialogar com outras/os em uma pintura que retrate a atualidade e dê abertura para espaços mais ampliados e contextualizadores, em que tons de pele sejam ponto de compartilhamentos e não de invisibilidades na e para a formação de professoras de Artes Visuais.

Palavras-chave

Identidade, Formação de professoras de Artes Visuais, Artes Visuais.

Abstract

This text is configured as a narrative look at the construction of professional identity from a middle-brown Visual Arts teacher. Emphasizes interpretations of the term “color fortune”, using inflection points of memory, seeking to provide, through autobiographical reflections, understandings about how formation and praxis in the classroom connect concepts and practices in the experience of being/become a teacher. Thus, in a cartographic perspective, each point translates a passage that combines geographical and cultural territories with the production of belonging, reviewing the ways of seeing, from the voice to the body felt in analysis about the current moment of the pandemic of covid19. For these reasons, the paths taken attempt to dialogue with others in a painting that portrays the present and open more broader and contextualizing spaces, in which skin tones are a point of sharing and not of invisibilities in and for the formation in Visual Arts Teachers Education.

Key words

Identity, Visual Arts Teachers Education, Visual Arts.

Resumén

Este texto se configura como una mirada narrativa a la construcción de la identidad profesional a partir de una profesora de Artes Visuales morena. Enfatiza las interpretaciones del término “fortuna del color”, utilizando puntos de inflexión de la memoria, buscando brindar, a través de reflexiones autobiográficas, entendimientos sobre cómo la formación y la praxis en el aula conectan conceptos y prácticas en la experiencia de ser/ estar/convertirse en docente. Así, en una perspectiva cartográfica, cada punto traduce un pasaje que combina territorios geográficos y culturales con la producción de pertenencia, repasando las formas de ver, desde la voz al cuerpo sentido en análisis sobre el momento actual de la pandemia de covid19. Por estos motivos, los caminos recorridos intentan dialogar con los demás en una pintura que retrata el presente y abre espacios más amplios y contextualizadores, en los que los tonos de piel son un punto de compartir y no de invisibilidades en y para la formación de las docentes en Artes visuales.

Palabras-Clave

Identidad, formación de profesores de Artes Visuales, Artes Visuales

ISSN: 2447-1267

Diante do tema: sobre o mel e a cabaça

Início este texto com um formato avesso. Seremos a partir de pensamentos e imagens do que somos. Ao mesmo tempo trago em compasso reflexivo de uma pintura escrita, sentida por uma vivência em tempos de pandemia, elaborando em narrativa autobiográfica que em alguns saltos poetiza, desloca e descola na figura de um mosaico científicizado, tanto da necessidade de um retrato mais próximo do que tenho vivido, quanto em acreditar na força da voz de quem diz quando diz e como diz algo que lhe é relevante, na potência de poder construir um diálogo com quem lê.

Começo então com uma ausência. Ausência sentida no cotidiano da profissão, em que me formei e me formo, um branco pálido que realça a necessidade da cor ou atesta a sua presença como na fôrma sem formas ou naquele ponto unido a outros dois que gera os três pontos...

Pincelo essa ausência com o regesto¹ da escrita de quem não consegue nesse momento pintar, a artista que corre na linha descrita e no olhar de quem deseja contar algo que possa partilhar mais que esse fato invisibilizado. Dessa maneira, a “afirmação de valores num registro particular, independentemente das escalas de valor que nos cercam e espreitam por todos os lados” (GUATTARI e ROLNIK, 1996, p. 47) é meio expressivo pelo qual existo e produzo subjetividades na experiência de narrar questões que considero relevantes para a construção da identidade profissional.

Por essa razão, posso indicar que a identidade profissional reside nas lembranças que potencializam a memória, tendo como aliada a identidade cultural como um meio onde o “escrever é um escrever-se [...] O que sou é já estar deixando de ser o que vinha sendo e estar já vindo a ser um novo de mim” como suscita Pereira (2013, pgs. 169-170). Concordando com ele, destaco a importância da memória na constituição da identidade na formação do professor, pois

“[...] pode contribuir para identificar as diversas marcas pedagógicas que ele carrega em si e que, de certa forma, constituem o lastro em que serão alojadas informações e vivências. Recuperar as marcas (bem como produzir novas) pode levá-lo a não meramente compreender sua trajetória ou sua identidade, mas, sobretudo, pode revelar-lhe como funcionam os complexos de afecção entre os universos e os arranjos de forças que suscitam alterações nas figuras vigentes.” (Id. Ibid. pg. 182).

Com esses universos e arranjos possíveis de recorte, aproximo do território vasto da memória e nela encontro trajetórias, aceitando as rupturas e os encadeamentos diante das plataformas onde a produção de significados foram plasmadas em referência. Trago então aqui neste texto uma pequena e despretensiosa cartografia da representação do ser/estar/tornar-se professora de Artes Visuais.

Do presente ao passado, assim escolho traçar minha narrativa e sem a pretensão

1 “Regesto” é um termo que utilizo em minha tese (VASCONCELOS, 2015), que significa o registro em forma de gesto, um movimento que produz uma marca em quem escreve e busca dialogar com quem lê. É um gesto intencional e um termo muito utilizado em Portugal quando se trata de desenho e representação significativa da linha sobre o papel.

de munir as palavras em tom único, mas trazendo aqui e acolá processos de construção da formação e da identidade que moveram desde a formação inicial e atravessaram diferentes caminhos no exercício da docência da escola à universidade. Como narrativa que implica uma escolha política, me ateno à voz que me dá Ribeiro (2019), uma voz cada vez mais eloquente nos estudos que venho realizado, lugar em que a memória vibra, os apagamentos e silenciamentos vão aparecendo e sendo evidenciados diante de uma história da Arte e de seu ensino predominantemente branca, europeia e colonizadora.

Dessa maneira, trago aqui a justificativa que me leva a tratar da temática. Após ouvir por diversas vezes em uma escola particular que lecionava que “meu cabelo não prestava”, que eu “precisava urgentemente dar um jeito no cabelo”, pois os meus cachos não comportavam a visão de professor de tom de pele branca, merecia adequar à classe social ali vigente: ou ter cabelos lisos, ou alisados. Ouvir aquilo várias vezes e ignorar, por ter a necessidade de trabalho, pagar contas, mexeu comigo. Passei toda uma infância com a família e a escola reforçando que meu cabelo devia ficar preso ou ser alisado. Parecia normal, parecia que era isso mesmo. O cabelo por si só daria um relato maior, pois tentei seguir o caminho que me indicavam, domando os cachos, o que me deixou na adolescência quase careca... o cabelo reforçava um tom de negro na minha pele que teimava em aparecer. Assim, eu recorto e destaco essa parte de início para tratar sobre os modos de ver no processo criador e a configuração da imagem enquanto identidade profissional: eu, professora de Artes Visuais parda.

Nessa toada, o mel e a cabaça, herança de ditado popular que muito ouvi minha avó contar sobre minhas indecisões desde criança e tal qual eu nem era uma coisa, nem a outra. Na imagem refletida, não me sentia branca nem me identificava como negra. Sabia da mistura e meu cabelo era reflexo disso, o que me fez adotar em diversos aspectos uma postura aparentemente neutra, buscando dialogar entre esses dois mundos e perceber as semelhanças sem reforçar as diferenças.

Porém, a neutralidade no processo de ensino/aprendizagem não existe. Somos políticos e estamos lidando sempre com a ética e a estética enquanto lecionamos. Pelos caminhos que atravessei nesses 19 anos de magistério, a cor me veio como fortuna seja pela intersubjetividade de possibilidades desde as experimentações na graduação, seja pela forma com a qual ela mostraria espaços e brechas de ser/estar.

Infiro que entendo como fortuna desde a origem de sua denominação, ou seja, uma força que pode trazer sucesso ou não. A força da fortuna é relacionada à vontade e às escolhas de cada um cotidianamente. É por isso que a cor da fortuna não é o mesmo que a fortuna da cor. Quando a cor pinta, denota significado e, desde o advento da escravidão nos tempos antigos, a cor é sinônimo de estratificação cultural e social. A cor não se está, na identidade a cor se é.

Diante disso, a fortuna da cor quando eu não tomo muito sol, me apresenta como branca, mas à medida que a melanina é intensificada, me torno parda. À primeira vista, falar em identidade na profissão é um campo minado, especialmente por se configurar em um discurso de dois campos diametralmente opostos (FANON, 2008) em um país diverso e multicultural. Tanto quanto justificar na contemporaneidade o

uso de termos e conceitos que pontuam um posicionamento de extremos empobrece quando não mediatiza o olhar de quem investiga, não se pode negar que entender o mundo em parâmetros distintos não é mais opção diante de tantas interpretações.

No Brasil, a área de formação de professores de Artes Visuais tem sido território onde essas lutas são visíveis no espaço das salas de aula, por tratar de imagens, leitura, contextualizações do olhar como de processos criativos, torna-se uma área de conhecimento estratégica na construção de modos de ver e modos de significar. Por essa razão, também é alvo de batalhas do poder, batalhas que desarticulam e desinformam, em propostas alienadoras desde as políticas públicas e do currículo institucionalizado, vide muitas das críticas à atual Base Nacional Curricular Comum – BNCC, que chega em dezembro de 2019 ao currículo das licenciaturas como BNC Formação.

O estratagema que executa o poder, influencia as ações e, por conseguinte, a construção da identidade age na formação inicial de professores de Artes Visuais. Pode-se dizer que ele é articulado nas universidades nas relações enviesadas de poder entre teorias e práticas experienciadas e legitimadas. Entendo, tal qual Foucault (1979) que não há divisões visíveis nos processos de dominação, são regimes de verdade institucionalizados. Percebo que as escolhas subvertem esse sistema e suas hierarquias programadas à medida em que tendem a assumir um viés de defesa de ser/estar no espaço em que residem.

Do entre o mel e a cabaça, a fortuna da cor me atinge no cotidiano das aulas, especialmente nos pontos de cruzamento, pois quando se está nesse espaço “entre”, como Irwin (2004) afirma, o meio é um ponto de inflexão, um ponto de convergência ao mesmo tempo que de embates. E esse meio ocorre na sala de aula, reflexiona em processos com a comunidade e é revisitado na pesquisa.

Outra questão a ressaltar quando se interpreta a construção de identidades profissionais na formação de professores de Artes Visuais é o território por onde construímos nossa identidade, minado por uma individualidade descaracterizada do coletivo, do contexto tal qual Mbembe (2014) denota, o que interpreto ser também a constituição de uma autoficção, engendrada por sistemas preparados, muitas vezes diante do poder estruturado (Bordieu, 1989) que cumpre uma função política, em um primeiro patamar de autoridade. Pode-se inferir que essa função foi arquitetada desde a Modernidade e renovada por meio de estratégias que impõem de forma direta ou indireta modos de ver, atingindo propostas de manipulação das grandes corporações que são legitimadas em uma visão contemporânea e colonizadora que reforça conceitos e práticas, especialmente quando se observa o Brasil.

Pincelada em tom sobre tom: eu, diante de outras/os

Comecei estagiando em escolas particulares, como auxiliar de sala e logo depois fui assumindo turmas como professora regente e aprofundando minha experiência em escolas públicas e espaços de educação não formal. Em 2003, na faculdade

de Artes Plásticas do Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – CEFETCE (atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE), tive contato em todas as disciplinas de Pintura, por meio do professor Dr. Gilberto Machado, com vieses do olhar em que a cor se conecta a concepções em que sensibilidade e técnica são desenvolvidos.

Ao perceber as potencialidades das tonalidades no espectro da visão, pude aprofundar sensações sobre a construção da minha identidade profissional, na complexidade da interpretação e da mediação. Com isso, fui aliando minha formação como artista atravessando o mercado da Arte entre saltos de sobrevivência sem subserviência, vesti-me professora e fui revelando formas de ver a partir da experiência, compreendendo na práxis que a explicação não emancipa, pois na liberdade do processo compartilhado residem além de razão e sensibilidade, modos de ser/estar e construir-se, pensando fora das caixas quadradas que a escolarização tenta nos adequar.

Depois de uma série de vivências e convivências em escolas públicas e particulares, de 2009 a 2019, residi no lugar em que minha voz foi contagiada de florescência. Dos ensinamentos que tive em Juazeiro/BA, docente universitária na Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF, na área de Arte/Educação no Curso de Licenciatura em Artes Visuais, entendo os meandros, dificuldades e possibilidades de ensino/aprendizagem no ensino, na pesquisa e na extensão e, sei que os territórios que alcanço hoje foram semeados no compartilhar das lutas pela Educação Contextualizada desde o semiárido.

Por essas razões, defendo que a formação de professores de Artes Visuais precisa pensar/articular o território dos processos de ensino/aprendizagem de uma cartografia do espaço a uma cartografia de constituição consciente e crítica, em uma Arte/Educação contextualizada.

É preciso ser um desenho que traga de volta o que todas nós precisamente sabemos que precisamos, as linhas em movimento que nos salvam, é por isso que a criação emana da imaginação. Quando matamos a pintura e resumimos em um Desenho puramente técnico, matamos a possibilidade de um novo mundo. A rigidez tem um sentido, mas não provoca sentidos.

Tudo nasce de um ponto e dele renasce em linhas, a cor começa no olhar, mas antes dela, o pensamento desenha entendimentos e interpretações. Tenho indagado sobre o que nos faz trazer tantos pesos e medidas em momentos dessa quarentena, equiparar a sua vida a outras só lhe trará tristeza. A felicidade reside naquele movimento além do tácito.

Diante dessas elucubrações, trago o corpo da voz. Meu corpo, minhas escolhas, aprisionadas em modelos (FOUCAULT,1987) prescritos, corpo de mulher parda e nordestina que atravessa esperas de um ser/estar/tornar-se. A ideia de ser nordestina me chegou como um membro novo, quando dialogava com colegas na Universidade do Estado da Bahia – UNEB quando fui colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA. Até então eu não tinha me situado enquanto profissional nesse espaço tão rico em memória, história e culturas.

Na constância da memória, dessas leituras me apeguei com as periferias além dos centros, Galeano (2012) presente, olhando para o abismo que o sistema separa e difere e encontrando meios de ir adiante, nas brechas que a própria práxis permite existir. A nordestinidade evidenciada em meu corpo físico e identidade, como território que nasce na modernidade, um

“[...] filho reacionário, máquina imagético-discursiva gestada para conter o processo de desterritorialização [...] provocada pela subordinação a outra área do país que se modernizava rapidamente: o Sul.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1994, p.460.).

Desses entendimentos, percebo o Nordeste como espaço atual da saudade plasmado em referências que ligam imagens a construções de sentidos e pertencimentos, espaço de referência, de onde compreendi o significado da reinvenção e da (re)existência.

Dessa toada, uma grande mudança de territórios, não como diáspora, mas como mudança acertada ou culminância de um processo formativo, afetou meus processos e construções. Em um deslocamento geográfico e intersubjetivo de Nordeste ao Sul, fui redistribuída para a Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, para atuar na mesma área no Departamento de Artes Visuais em dezembro de 2019. Em março de 2020, tive a primeira reunião com colegas, já estava com laboratório montado, projeto de pesquisa, de extensão cadastrados e, uma semana depois, a pandemia de covid19 nos atinge de modo a partir de 17 de março de 2020 as aulas terem sido suspensas e o sistema de regime domiciliar de ensino colocado como possibilidade de continuidade de trabalho.

Em 2021, a voz que reforça a língua também é ecoada com tons que a lembrança destaca, um dia desses disse várias vezes, em aula, em palestra e em reunião, que nunca me senti mais nordestina que aqui, fora do Nordeste. Como isso tinha se dado?

A distância geográfica e o distanciamento social devido a pandemia me coloca num espaço onde a memória reflete intersubjetivamente nos processos e a entonação de palavras e dizeres fica forte no sotaque, tem horas que as palavras residem em Fortaleza – CE, outras em Juazeiro – BA, do ladinho de Petrolina – PE, outras em João Pessoa – PB e outras em Recife – PE. Todos foram lugares de formação profissional que reverberam inclusive em coisas que nem falava antes, mas agora carregam um significado tão particular que faço questão de usar.

Por conseguinte, o corpo ocupando um espaço de ação e interação no ensino remoto tem essa voz embalada como num cantar em que coloco cores fortes e, de reboque, eu diante de outros/as, sou identificada. A professora nordestina. A professora nordestina e parda no Sul. Isso envolve um pertencimento teórico e prático que influencia nos modos de ver quando leciono, pesquiso e realizo atividades de extensão.

Parda noção e o gênero... alguns pontos desatadores de nós

Eu, desatando os nós em nós, encontro motivos pelos quais esses meses todos de pandemia de covid19 nosso Brasil tem encontrado mais Brazis, como destaca Blanc e Tapajós (1978) em sua composição *Querelas do Brasil*, “O Brasil tá matando o Brasil”, uma flecha apontando a colonização em termos de América Latina, dos Estados Unidos da América - EUA para uma atual colonização globalizada que olha o nosso país e os nossos recursos naturais com avidez. Percebo que o colonialismo para lá de arraigado dos discursos aos costumes, racista, machista e tantas outras coisas negativas entre notícias e estardalhaços via fake news, as mortes contadas e as apagadas, como se nada tivesse acontecido.

Calar perante tanto descalabro não é nossa missão. Toda mulher nesse ponto merece se escutar e se unir. Toda aquela que sabe do seu papel nesse mundo ainda tão patriarcal, que chora diante de uma natureza devastada e que ainda permanece ligado a um neoliberalismo avassalador. Consumismo desenfreado que nos levou a este ponto.

O “home office” vira um “hell office” por não conseguirmos cumprir nossos horários de trabalho normais, nem as demandas que se acumulam. Temos que ir adentro noite e madrugada, algumas de nós mal dormimos.

Neste sentido, é um contraste o Desenho da pandemia², termo que mencionei numa live no dia 26 de maio, que fiz via Instagram a convite da Revista Apotheke da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, coordenada pela minha co-orientadora de doutorado, Prof^a Dra. Jocielle Lampert e com mediação do colega Prof. Dr. Fábio Wosniak.

De um lado, as questões enunciadas pelo teórico Boaventura de Sousa Santos no livro recentemente lançado, *Pedagogia do vírus*, em que destila a narrativa de quem olha por detrás do acrílico de proteção ao vírus, enxergando o que se esconde a “lógica del capitalismo universitário, com clasificaciones internacionales, la proletarización productiva de los docentes” (SANTOS, 2020, p. 74).

De outro, a cobrança sequencial de uma produção científica que a cada dois anos colocará docentes homens e mulheres nas universidades brasileiras sobre a mesma égide, seja em termos de progressão funcional, seja quando na busca por recursos em órgão de fomento como a CAPES e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ.

Nesses dois lados, a balança tende a uma desigualdade de gênero ampliada pela pandemia. Diante das lutas dos últimos dias, de tantos mortos pelo racismo estrutural em nossa sociedade mundial, acompanho exaltada protestos e multiplicação de intenções e disseminação do vírus. O vírus visível que nos ataca e tira o ar e o invisível que vem corroendo o mundo do começo do capitalismo, a busca desenfreada pelo ter antes de um ser.

Relendo recentemente Barbosa (1983), texto que me chama atenção por ter

² A live em questão pode ser acessada e assistida pelo link a seguir: < https://www.instagram.com/tv/CAq6G_dgtZD/?igshid=1km0u4f9at46j>. Acesso em 23 de fevereiro de 2021.

sido publicado um mês depois de meu nascimento e por descrever plataformas conceituais da Arte/Educação. Interpreto que permanecemos, no cotidiano das aulas na formação de professores de Artes Visuais reproduzindo, muitas vezes de maneira acrítica e descontextualizada e, em alguns casos, reverberando o ideal colonial que emana de conceitos e encaixa-se em fazeres.

Comparo essa leitura então com um texto que me chegou há um mês atrás, em que Barbosa (2020) narra compreensões de uma extensa pesquisa sobre os apagamentos e silenciamentos de mulheres artistas na História da Arte e do registro em discursos e narrativas de mulheres nas Artes Visuais no Brasil. A relação que a autora traz entre memória e história cultiva a necessidade de evidenciar o contexto das falas. Um discurso então não se constrói do nada e as vozes que foram caladas por tantos séculos, merecem vir à tona em pensamento e imagem, configurados na representação dos processos de ensino e aprendizagem na formação de professores de Artes Visuais. Como ela, defendo que é essencial trazer esses modos de ver negligenciados.

A linha treme, querendo criar algo adiante. Eu revejo o presente novamente e indago até que ponto chegamos, horrorizada, perplexa. Há outras histórias, silenciadas, apagadas diante da história única noticiada. É dessa batalha desleal contra esses tantos tipos de vírus em uma infância que atravessa marcas no desenvolvimento de nossas crianças. Quem sou eu diante de ti? Como artista, aproximo-me da realidade “a fim de captar suas características essenciais, a fim de refleti-la” (VÀZQUEZ, 1978, p.32).

Como professora, o dilema do ensino online, que para estudantes que já estavam a distância, inúmeros impedimentos ocorrem, imagina-se aos que eram de cursos presenciais e estão fazendo atividades online. A mente adoece e o espírito esvanece. Estamos rumando para um tempo em que conteúdos e diálogos síncrono e assíncrono sejam termos presentificados no cotidiano das salas de aula. Até que ponto isso será transposto didaticamente e se tornará ensino/aprendizado, é o desafio.

Enquanto pesquisadora, o receio citado anteriormente, entre a fita que nos cobra e mede, a quantidade não estabelecida de que deveria seguir e produzir, não se fez presente. Nós mulheres e mães nas universidades estaremos atrás se a fita que nos mede continuar sendo a mesma daqui a algum tempo.

Estamos em um momento na formação de professores e, especialmente, de professoras de Artes Visuais que urge a união de forças perante um desafio em comum: a permanência da área como conhecimento perante as estratégias organizadas do poder. A desarticulação começa na construção da identidade. Quando esquecemos da relação entre ética, estética, política e cultura nas posturas, diagnosticando modos de ver que não compartilham efetivamente a experiência artística. Modos de ver que se tornam modos de citar, modos de citar que se tornam modos de pensar em uma centralidade focal que não permite ver além de um objeto ou de uma separação entre objetos e seres.

Na profundidade de todas essas coisas aqui discutidas e expostas em nudez e sem emudecimentos, a fortuna da cor que esse texto intenta formar sem fôrmas,

advém da pele parda, da experiência e, escolhas contextualizadas e busca estimular a visualização das potencialidades que temos adiante, pois ainda permanecemos atados a um tipo de colonização conceitual que demarca nossa práxis e é desses nós que precisamos conhecer melhor, ressignificar para nos desatar.

A professora de Artes Visuais parda e nordestina olha para o passado, interpreta o presente e busca um futuro que não nos mortifique. Como podemos ir adiante se nos descolamos do essencial? Como Saint-Exupéry (2018, p.56) nos lembra “o essencial é invisível aos olhos”, e não está em apoiar-se em apenas uma corrente do olhar, insistindo em modos de ver que não atende às demandas e à complexidade de nosso tempo. As perguntas que fazemos podem indicar caminhos do pensamento e não o contrário na contemporaneidade.

E nossos sonhos sonhados da profissão, a revisão do que queremos e para onde iremos. Seremos espelhos que refletirão os próximos passos. Na ponta da lança para um futuro redesenhado. Criando um ritmo, descolamentos indicados. Descolar, para sentir os cacos do mosaico que quebrados, nos mostram quão etéreo é essa contemporaneidade, e adequando ao que disse Marx, citado em Berman, ser contemporânea é estar em um universo em que tudo se finda, tudo é passível de se desmanchar (BERMAN, 1986) ao mesmo tempo em que é passível de se recriar.

Esse texto então termina com a alusão à criação de uma vida expandida, pintada na cor vermelho-escarlate, do parir da maternidade aos tantos parires de ser/estar que a vida vai nos ensinando, que a lágrima que cai seja força para seguir o caminho. Somos fortes, estamos juntas e podemos nos dar as mãos nesse pensamento. Que a fortuna dessa cor aludida não foque no tom da pele nem na origem, que esse pertencimento seja território-referência e te leve a uma identidade ampliada, em modos de ver do essencial, sem nós diante de nós.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O engenho anti-moderno: a invenção do nordeste e outras artes**. 1994. 500f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280137>>. Acesso em 23 de fevereiro de 2020.

BARBOSA, Ana Mae. **Cronologia da dependência**. Em Aberto. Ano 2. Nº 15. Brasília, maio de 1983. pgs18-29.

_____. **(DES)MEMÓRIAS: por uma revisão feminista da História da Arte no Brasil**. Cartema. Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE-UFPB. nº8. 2020. pgs. 143-165.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BLANC, Aldir; TAPAJÓS, **Maurício**. **Querelas do Brasil. Transversal do Tempo**. Gravado no Teatro Ginástico do Rio de Janeiro, 1978.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT; Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Rio de Janeiro: L&PM, 2012.

GUATTARI, Félix.; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

IRWIN, Rita L. **A/r/tography: a metonymic metissage**. In: IRWIN, Rita L.; COSSON, A. de. (Eds.). *A/r/tography: rendering self through arts-based living inquiry*. Vancouver, Canada: Pacific Educational Press, 2004. pgs 27-38.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade: um estudo crítico sobre a formação do professor**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. São Paulo: HarperCollins, 2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **La cruel pedagogía del vírus**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2020.

VASCONCELOS, Flávia Pedrosa. **Designare: pontes artístico/educativas na formação docente em Artes Visuais**. Lisboa: Chiado, 2015.

VASCONCELOS, Flávia Maria de Brito Pedrosa. **Como pensamos... Desenho e criatividade em tempos de pandemia**. Live via Instagram à convite da Revista Apotheke da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Disponível em: < https://www.instagram.com/tv/CAq6G_dgtZD/?igshid=1km0u4f9at46j>. Acesso em 07 de junho de 2020.

VÀZQUEZ, Adolfo Sánches. **As idéias estéticas de Marx**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Submissão: 23/02/2021

Aprovação: 25/03/2021